

A COR COMO ELEMENTO ECOLÓGICO PARA MOTIVAÇÃO DE TOPÔNIMOS

Leênny Texeira de Araújo (POSLLI/UEG)

Kênia Mara de Freitas Siqueira (POSLLI/UEG)

Abstract: In this research the concept of language (L) is considered to be the way in which members of a people (P) interact with each other in the territory (T) where they live. This study is focused on T, more specifically on the names of aspects of T, more specifically chromotoponyms, toponyms with names of color, in the state of Goiás. The study is based on ecosystemic theoretical assumptions to recognize the relationships between chromotoponyms and the environment that motivated the mental perception of the color manifested in L. For toponomastic issues (a branch of onomastics), we base ourselves on, Mexias-Simon (s/d), Pocklington (s/d), Siqueira (2022), and Dick (1990). The methodology consists of a bibliographic review, reading and interpretation of data inter-relating them to the perception of color through elements of the environment. Initially, the toponyms *Rio Vermelho* (Red River), mainly in Coralian poetics, *Ouro Verde de Goiás* (Green Gold of Goiás) and *Serra Dourada* (Golden Mountain Range) may be given.

Key-words: Chromotoponyms; Toponomastics; Language; Ecolinguistics

Resumo: Considera-se para esta pesquisa, de acordo com Couto (2007), o conceito de língua (L) como sendo a maneira de os membros de povo um (P) interagirem entre si no território (T) onde convivem. Este estudo tem seu foco em T, mais especificamente nos nomes de aspectos de T. O recorte aqui colimado são os cromotopônimos, nomes de lugares com nomes de cor, em Goiás. O estudo se fundamenta nos pressupostos teóricos ecossistêmicos para reconhecer as relações entre os cromotopônimos e o ambiente que motivou a percepção mental da cor manifestada pela L. Para questões toponomásticas (ramo da onomástica), pauta-se em Mexias-Simon (s/d), Pocklington

(s/d), Siqueira (2022), Dick (1990). A metodologia constitui-se de revisão bibliográfica, leitura e interpretação de dados inter-relacionando-os à percepção da cor por meio de elementos do ambiente. Pode-se indicar, inicialmente, os topônimos *Rio Vermelho* (principalmente na poética coralínea), *Ouro Verde de Goiás* e *Serra Dourada*.

Palavras-Chave: Cromotopônimos; Toponomástica; Língua; Ecolinguística

Introdução

Este estudo tem como objetivo reconhecer algumas relações feitas pelo nomeador em torno de elementos físicos sensoriais que envolvem a percepção das cores como motivação para escolha de macrotopônimos goianos, isto é, os cromotopônimos goianos mais representativos do elemento cor como um dos formadores do nome do lugar. Até-se, assim, ao reconhecimento de traços semânticos desses nomes, os quais compõem o léxico toponímico, e os vínculos com elementos ecológicos ou culturais de Goiás, que pode dar lugar a nomes de lugares já ocupados desde o século XVII, quando a capitania de Goiás começou a ser ocupada por bandeirantes em busca das então riquezas goianas.

Ao chegar a um território desconhecido, uns dos primeiros atos é dar um nome à descoberta, o ato de nomeação precede a divulgação. A motivação que subjaz à escolha dos nomes muitas vezes repousa em sensações diversas que o nomeador provavelmente sentiu ao descortinar o lugar então desconhecido e sem nome.

Em algumas teorias da linguagem, o reconhecimento da inter-relação língua e ambiente pode se dar pelo espectro das cores, ou melhor, as cores que são reconhecidas em dada cultura quando são percebidas, essas cores recebem um nome na língua. Nesse sentido, parece natural que alguns topônimos tenham na sua composição (seja por acréscimo de afixos ou por composição de nome mais cor) um nome designativo de cor (*Rio Vermelho, GO, Rio Verde, GO, Monte Verde (MG), Serra Dourada (GO)*), para citar apenas alguns.

Segundo Biderman; Nascimento; Pereira (2007), os nomes relativos a cor, formam um campo do léxico de natureza universal, mesmo que não haja isonomia linguística porque as línguas categorizam diferentemente as cores. Para essas autoras, em qualquer língua as palavras que designam as cores estão relacionadas à sensibilidade humana.

De acordo com Elman; Benetti (s/d), a cor é elemento de grande poder discursivo. As cores, nos diferentes campos de atividade humana, veiculam significados ancorados na capacidade

cognitiva da percepção humana para reconhecer sensações, valores e outros aspectos que estão na base da capacidade humana de simbolizar.

O presente trabalho tem como objetivo discutir algumas questões acerca de cores que aparecem na composição ou formação de topônimos goianos, nomes de lugares povoados já no século XVIII ou posteriormente, no século XX, com inúmeros adventos populacionais relacionados com outros tipos de negócio ou atividades mercantis que Goiás fazia emergir após a exploração do ouro se exaurir.

A nomeação está sempre vinculada a diversos fatores que tanto podem se efetivar coletivamente (por processo deliberado de escolha de um nome entre vários outros) não apenas como um ato de um indivíduo, mas de um grupo, de um povo (P), ou de outra forma, pode se dar individualmente ou ainda institucionalmente, como um ato deliberativo de quem tem poder para isso. O denominador ao nomear o lugar, mantém-se atento (mesmo que não tenha consciência disso) à referencialidade. Dessa forma, o simulacro do real intensifica um viés cognitivo que foca em uma ou mais características do referente, situando-o num contexto histórico, cultural, social e também político. Integram e organizam o mapa mental.

O aporte teórico específico dos estudos toponomásticos centra-se na classificação proposta por Dick (1990), em estudos posteriores tais como Pocklington (s/d), Siqueira (2015, 2021) entre outros. Em relação ao arcabouço teórico ecossistêmico recorre-se a Siqueira; Costa Neto; Araújo (2021), Couto (2007, 2022), Silva (2021).

A metodologia consiste de alguns procedimentos que vão desde a pesquisa bibliográfica propriamente dita à consulta em documentos oficiais dos municípios cujos topônimos foram objeto deste estudo. Juntam-se assim, métodos de aporte teórico toponomástico e de caminho metodológico próprio de pesquisas qualitativas, haja vista a natureza subjetiva inerente ao processo de nomeação dos lugares em geral.

1. O ecossistema mental

Faz-se necessário rever, ainda que em linhas gerais, em que se constitui constitui-se o ecossistema mental da língua, em termos ecolinguísticos, já que, entre outras questões, é possível associar sensações visuais ou percepções da cor pelo falante que influenciam na maneira como o nomeador escolhe um dado nome para um lugar. Para se falar em ecossistema, é preciso ter em

ECO-REBEL

mente as interações que podem ocorrer entre o povo (P) de determinado lugar, que é o território (T). O território quase sempre está desenhado no mapa mental de P.

Couto (2022, p. 98) considera a língua como meio pelo qual os integrantes de uma comunidade interagem verbalmente. Nessa perspectiva, a língua é vista como interação (I), “a língua é o modo habitual pelo qual os membros da comunidade interagem entre si por meio de palavras”. Caso a tríade P, T e I não se efetive, não haverá, por conseguinte, ecossistema. O ecossistema integral da língua contém os demais ecossistemas, engloba-os. Assim, ecossistema natural, social e mental integram o ecossistema integral da língua.

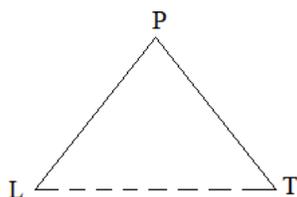


Fig. 1 Ecossistema Integral da Língua

Para este estudo, o foco recai sobre o ecossistema mental que pode ser apresentado conforme Silva (2021, p. 21), pois este ecossistema abarca as regras interacionais que permeiam os atos comunicativos de todos os indivíduos que partilham conhecimentos comuns acerca da língua que falam e do território que habitam. “Essas regras são armazenadas e processadas no ecossistema mental”. Os nomes das cores fazem parte de L, mas a percepção de cada cor advém de um intrincado processo que envolve língua, cultura e ambiente, com tudo processado pelas interações entre os neurônios. Para Silva (2021), o processo começa pelo natural, passa pelo mental até chegar ao social.

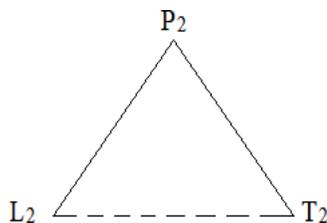


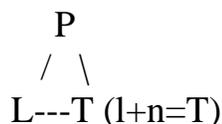
Fig. 2 Ecossistema mental da língua

Há inúmeros aspectos do natural que subsistem antes e sem o mental. A cor pode se incluir no ambiente natural, mas a percepção sensorial da cor se dá no mental, embora dependa tanto de fatores físicos como de elementos culturais presentes em cada comunidade.

ECO-REBEL

Para Siqueira; Costa Neto; Araújo (2021, p. 57) os estudos toponomásticos integrados a uma proposta teórica ecossistêmica deve levar “em consideração as interações verbais que ocorrem no ecossistema integral da língua”, pois “os membros de determinada comunidade/população interagem entre si, partilham conhecimentos, saberes, tradições, culturas, no território em que se encontram/vivem”. Assim, no processo de nomeação de qualquer lugar (seja natural ou cultural) existe uma série de fatores motivadores que refletem aspectos do meio ambiente que compõe o ecossistema linguístico.

Convém mais uma vez, de acordo com Siqueira (2021, p. 75), reiterar que “T não existe sem um nome, ou seja, T¹ só existe pelo batismo, pelo ato de designação, ou ainda, só existe como tal pelo topônimo que o designa”.



Ecosistema Integral da Língua
Fig. 3 Adaptada para este estudo

Siqueira (2021, p. 75) apresenta na figura 3, “a inserção da díade lugar + nome (l + n) constituinte de T”. Ressalta também, que

[...] a nomeação dos lugares elementos diferentemente de outros objetos do mundo, tem como base fatos históricos, sociais, culturais e ambientais ou ainda se finca em motivações cuja face cognitiva reflete-se em descrições metafóricas ou metonímicas para escolha do nome do lugar a ser designado a partir da inter-relação L, T e P. L surge da relação de P com T, em outras palavras, a visão de mundo de P, reflete-se na língua, mas advém do próprio mundo.

Para Couto (2007, p. 199), os nomes são itens do léxico e estão inter-relacionados a L. Nesse sentido, o nome de dado elemento passará a compor parte do léxico de algum membro da comunidade se este interagir com outros membros da comunidade acerca do fato ou lugar nomeado. Tais “atos interativos de comunicação evidenciam o caráter biopsicossocial da língua”: meio ambiente natural, meio ambiente social e meio ambiente mental, que formam o meio ambiente integral da língua. Conforme Siqueira (2021, p. 77), todos esses elementos em que há elos entre P e T, estão de alguma forma arrumados em mapas:

¹ Claro que o lugar propriamente dito existe independente de ter ou não um nome.

ECO-REBEL

No ecossistema mental da língua, há uma parte em que os lugares com os quais P estabeleceu vínculos são projetados como um mapa. Um desenho topográfico que possibilita a P orientar-se pelos lugares que conhece, pelos lugares que “conviveu”, com os que teve algum tipo de experiência e envolvimento com o mundo. Como o meio ambiente mental de L é considerado L em funcionamento, armazenamento e processamento, significa que nele há também uma projeção de T, como recurso para se orientar e se movimentar pelos lugares conhecidos. Esse recurso se constitui no mapa mental que os membros de P têm na memória, do território em que vivem, que conhecem ou conheceram.

No texto literário “Rio Vermelho” Cora Coralina (2003, p. 101) discute como os lugares vão se vinculando entre P e T criando elos que fazem parte de mapas cognitivos mais amplo que P tem do mundo (COUTO, 2016). O nome de T estabelece assim a referência: “Goiás tem um rio (*Rio Vermelho*) que a recorta, dividindo a cidade em duas parte iguais. É um antigo e lendário rio de ouro e minerações passadas [...]”

Os topônimos parecem funcionar como um elo, por sua função referencial, que atua para organizar o sistema mental em relação ao território, criando um estado de “sintropia²”, organiza os espaços que são diferenciados ou identificados pelo nome que têm (*Rio Vermelho* recorta a cidade, sensorialmente divide o lendário e o real). Em outro trecho Coralina (2003, p. 103), distante de Goiás, invoca o rio pelo nome: “Longe de ti, oh!, Rio Vermelho da saudade, meus olhos têm sede das tuas águas, meus ouvidos anseiam pela tua voz brandiciosa e sedativa que despertou complacente as ilusões de minha adolescência”. Para Siqueira (2021, p. 77): o nome concede ao lugar uma espécie de simbiose, lugar e nome são uma coisa só:

[...] depois de nomeado, o lugar passa a ser identificado também pelas diferenças que possui em relação àquilo que não é, ou melhor, é diferenciado em face aos demais elementos topográficos, conferindo-lhe existência, passa a existir. Tem um nome porque existe, tornou-se conhecido e é reconhecido como elemento físico ou cultural importante para continuidade de P como um dos milhares de traços que o caracteriza.

Nesse sentido, há de se pensar que os mapas mentais não são apenas arranjos dos respectivos mapas cartográficos, vão muito além do que se pode observar por meio do olhar. São representações, simbólicas ou não, integradas de muitas maneiras, que envolvem diversas representações, significados e referências que contribuem para a interpretação da

² Sintropia do grego syn-, ‘junto’ + entropia do alemão *Entropie* também do grego entropia, ‘ato de virar-se para’. Com o sentido de dar ordem, organizar, contrário de entropia “caos”.

realidade.

Convém ainda fazer uma ressalva a respeito de princípios ecológicos que norteiam, de certa forma, também a escolha de nomes para os lugares em geral. Essa ressalva é a de que a linguística ecossistêmica se vale de conceitos ecológicos de maneira não metafórica, mas sob a perspectiva da ecologia de uma maneira que tais conceitos se equivalham, que haja correspondência entre eles. Couto (2016), mostra algumas equivalências entre ecologia e ecologia linguística.

Cabe aqui entretanto salientar alguns conceitos da ecologia linguística e relacionar ao fato de um nome de cor³ estar compondo algum topônimo: ecossistema linguístico, comunidade linguística (ecossistema integral da língua: comunidade de fala, comunidade de língua); população, povo; território. Traz também a relação pessoa-mundo: significação, referência, denominação e ainda relação pessoa-pessoa: que é a interação comunicativa.

Sobre significado e referência, pode-se dizer que, por ser o topônimo um signo linguístico em função toponímica, ele traz uma característica que o difere dos demais signos linguísticos, pois estes são desmotivados (arbitrários), já o topônimo é necessariamente motivado. Dessa maneira, para Pocklington (s/d, p. 3), “o único significado operativo de um topônimo é o lugar que designa”. O topônimo reveste-se do caráter referencial, é indicial. Um lugar é reconhecido pelo nome que tem.

Os nomes de cor, normalmente, são denotativos, representam a sensação visual de dado reflexo de luz. Assim, quando entram na composição linguística de dado topônimo, significam a cor que nomeiam (azul, verde, dourada⁴, branco), ou seja, permanecem com função denotativa. Assim, semanticamente, um nome como “Ouro Verde” seria algo rico de cor (denotativa) verde, uma riqueza verde natural ou cultural. Claro que o nome composto “Ouro Verde” apresenta traços conotativos; não se refere ao metal ouro propriamente dito, mas a algo de valor simbólico ou não associado ao valor do ouro. Por outro lado, a cor verde guarda seu significado denotativo e sua função de modificador.

³ Não é numeroso o conjunto de topônimos brasileiros que tem um nome de cor na sua composição linguística, a saber: o verde é a cor que mais aparece em cromopônimos compostos no Brasil: *Rio Verde*, *Campo Verde*, *Carmo do Rio Verde* (todos goianos); e ainda *Mata Verde* (MG), *Monte Verde* (MG), *Lucas do Rio Verde* (MT) para citar apenas alguns. Não há dados para topônimos compostos com a cor amarela; já a cor azul aparece muito, também aparecem preto, branco.

⁴ Este estudo considera o “dourado” como cor por apresentar características que definem uma cor e é reconhecida como tal.

Para Basílio (2011, 71), os nomes de cores, como adjetivos, atribuem cores específicas aos referentes dos nomes que acompanham e modificam. Se usados isoladamente, denotam a cor em si e apresentam propriedades mais específicas dos nomes (substantivos). “A dupla possibilidade, de certa maneira, se relaciona à própria situação semântica da cor, que é, em si, abstrata: as cores existem nas coisas”. A situação que se vê nos nomes de cores é análoga à que se vê entre adjetivos e “suas formas nominalizadas”. É possível dizer que alguma coisa é bela, mas também pode-se falar da beleza em si. Do mesmo modo, pode-se dizer que algo é vermelho; e também é possível falar do vermelho em si. “Como os substantivos referentes a cor apresentam uma semântica particular, os contextos de substantivos devem ser modificados para adequação semântica” em cada situação que, constituindo um dos elementos do topônimo, tem função adjetival.

Para Biderman; Nascimento; Pereira (2007, p. 107) seguem um padrão que se pode classificar como universal, que se pode atribuir uma semântica universal das línguas e tem como “núcleo central uma das sete cores do espectro: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta”. Entretanto, na qualificação dos referentes, gradua-se apenas “parcialmente em padrões universais”.

2. A cor como elemento linguístico de topônimos

Convém retomar Elman; Benetti (s/d), que consideram a cor como elemento de grande poder discursivo. Em diferentes âmbitos da atividade humana, a cor veicula significados ancorados na percepção humana para reconhecer sensações, sabores, valores e outros aspectos que estão na base da capacidade humana de simbolizar.

A cor faz parte do mundo em todos os aspectos, está na natureza, na linguagem, na cultura e até mesmo no mundo onírico. Segundo Nunes (2012, p. 64), “O termo cor surgiu na Roma antiga e, desde então, vem sendo utilizado como forma de expressar a sensação visual obtida da natureza através dos raios de luz”. Cada cor traz consigo uma carga de significado que está relacionada a fatores climáticos, sociais, culturais e psicológicos. Nesse sentido, a percepção desses fatores reflete a maneira como o conhecimento da cor é processado na mente e como a língua expressa essa sensação.

Farina, Perez e Bastos (2011), descrevem que o homem tenta a todo tempo reproduzir o colorido da natureza em tudo que o rodeia, buscando explicar a energia catalisadora que é transmitida pela vibração das cores. A cor é um elemento básico na transmissão de ideias, pois

ECO-REBEL

possui movimento, peso e equilíbrio e, em relação à linguagem, vai além das fronteiras da língua, sendo capaz de ser decifrada até mesmo por uma pessoa que não domina os códigos da escrita, mas que conheça as nuances de cada cor.

Farina (2011, p. 16), define, “A cor como uma força poderosa. Ela age como uma espécie de lei”. Assim, pode-se dizer, que os estudos das cores, têm forte relação com a linguística ecossistêmica, definida por Couto (2007, p. 270), grosso modo, como: “O estudo das relações entre língua e meio ambiente”.

O estudo dessas relações, conforme Heisenberg (1981 *apud* COUTO, 2007, p. 66), as pessoas “não veem coisas em seu objeto de estudo, mas uma imensa rede de relações”. Essa perspectiva permite afirmar que o estudo dos topônimos, segundo Siqueira (2021, p. 68),

[...] faz emergir a relação entre nome, espaço, lugar e, em termos ecossistêmicos, também a inter-relação língua, povo e território, ou seja, o lugar tomado em termos políticos, sociais, culturais e ecossistêmicos. Essa tríade é fundamental para se pensar os fatos da linguagem em sua natureza ecológica.

O que se pode buscar é refletir se a sensação visual causada pelas cores atua como motivadores para a escolha do nome para lugares em que o topônimo se compõe de um nome de cor (*Rio Vermelho, Serra Azul*). Na classificação de Dick (1990), tais topônimos integram a taxa “cromatopônimos⁵”, justamente por se tratar de nomes relacionados a cores.

Assim, procura-se verificar a relação entre a cor que pode ser predominante no lugar, e a provável motivação de alguns lugares específicos do Centro Oeste goiano, que carrega no nome também o nome de alguma cor (verde, vermelho, dourado), a saber: *Ouro Verde de Goiás, Rubiataba, Rio Vermelho e Serra Dourada*. Goiás é um estado que tem preservado cidades históricas, como a cidade de Goiás, banhada pelo Rio vermelho e cercada pela Serra Dourada, como é descrita na prosa e poesia de Cora Coralina (cf. item 1). O que torna esses topônimos poéticos e bastante conhecidos.

Segundo Siqueira; David (2015), o ato de dar nomes aos lugares é inerente ao homem, que nomeia aquilo que passa a existir, assim para nomear um lugar o nomeador precisa de uma motivação, que pode ser cultural, histórica ou pessoal, e atrelada a essas escolhas muitas vezes, estão os nomes das cores que têm uma ligação direta com o meio ambiente, pois quase tudo que existe, reflete luz que é percebida como uma cor.

⁵ Do grego *khroma* -atos, cor. Porto Editora – *cromo* no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cromo>

ECO-REBEL

Para o estudo, que não se pretende exaustivo, a primeira ocorrência é o topônimo, *Ouro Verde de Goiás*, que traz no nome a cor verde devido às matas densas que formavam o espaço geográfico daquela região, que levou os seus fundadores a essa escolha motivados pela natureza, que deu origem aquele lugar. No entanto, a cor verde tem papel relevante na formação cultural e histórica dessa região, porque se tornou, ao longo do tempo, uma região de vocação agrícola; assim é possível pensar que o verde do nome pode ser vinculado ao verde das lavouras. Cada cor carrega uma simbologia, que provavelmente também tem relação com o espaço a ser nomeado. De acordo com Farina, Perez e Bastos (2011).

A cor verde é resultado da mistura do amarelo e azul, contém a dualidade do impulso ativo e a tendência ao descanso e relaxamento. É um sedativo que relaxa os vasos capilares e tem efeito de reduzir pressão sanguínea. Suas radiações acalmam as dores nevralgias e resolvem alguns casos de fadiga nervosa, insônia etc. Sugere umidade, calma, frescor, esperança, amizade e equilíbrio, além de possuir todas as conexões com a ecologia e a natureza. [...] Essa cor também apresenta uma associação material com a umidade, frescor, diafanidade, primavera, bosque, águas claras, folhagem, tapete de jogos, mar, verão, planície e natureza. [...] No que diz respeito a associação afetiva, está relacionada com a adolescência, bem-estar, paz, saúde, ideal, abundância, tranquilidade, segurança, natureza, equilíbrio, esperança, serenidade, suavidade, crença, firmeza, coragem, desejo, descanso, liberdade, tolerância, ciúme. [...] A palavra verde vem do latim *viridis*. Simboliza a faixa harmoniosa que se interpõe entre o céu e o Sol. Cor reservada e de paz repousante. Cor que favorece o desencadeamento de paixões. Farina, Perez e Bastos (2011, p. 101).

Culturalmente, a cor verde tem sido caracterizada como a cor que simboliza a vida, a saúde, talvez porque traz sensações de calma e de segurança. Ecologicamente, é uma cor associada à fertilidade da terra, que emerge no germinar, no brotar, ainda a cor do crescimento. O verde também está relacionado com projetos de preservação do meio ambiente, com a sustentabilidade e a ecologia, pois ela representa a natureza, as matas como foi descrito na escolha do nome da cidade de Ouro Verde de Goiás.

A cidade de Ouro Verde de Goiás nasceu ainda no século XIX, com a fundação da Fazenda de Boa Vista do Matão, situada na parte central do estado de Goiás, que inicialmente pertencia ao município de Meia Ponte (Hoje Pirenópolis), e mais tarde ao município de Anápolis. Somente em 01/10/1963 com a Lei nº 4.592 foi criado por definitivo o município de Ouro Verde de Goiás⁶.

No site da prefeitura, consta que o nome da fazenda prestigiava duas características marcantes da região: a altitude, que propicia uma ampla visão do entorno, e as densas matas existentes naquela época. O que, provavelmente, motivou a escolha do nome de *Ouro Verde de*

⁶ <https://ouroverdegoias.go.gov.br/>

ECO-REBEL

Goiás. Em termos morfológicos, *Ouro Verde de Goiás* é um nome composto: Ouro + Verde + de Goiás.

O dourado é a cor da nobreza, da elegância, também representada pelo metal nobre “ouro”, que simboliza, riqueza e soberania. Farina, Perez e Bastos (2011), descreve que a cor dourada (ouro), tem uma forte relação com o dinheiro, luxo e felicidade. E no “simbolismo cristão essa cor está relacionada com o sagrado, evidenciado na palavra auréola, que vem de *aurum* (ouro), signo revelador da santidade”. O ouro também simboliza a vitória, vencedores são premiados com medalhas e troféus dourados, como recompensa pelo melhor desempenho.

Serra Dourada é patrimônio goiano, que envolve a cidade de Goiás, circulando-a com um brilho dourado, a depender da hora do dia. Localizada entre a cidade de Goiás e o município de Mossâmedes, recebeu este nome por refletir a luz do sol nos montes que rodeiam a cidade de Goiás. Fica evidente que o nomeador se valeu da cor como força representativa para nomear a serra. Por outro lado, pode também vincular o reflexo dourado da serra à cor do ouro, primeira riqueza extraída de Goiás.

Convém lembrar que esse espaço está entrelaçado à arte goiana na prosa e poesia de Cora Coralina e na pintura de Goiandira do Couto. É o lugar de onde a artista goiana Goiandira do Couto retirava areias coloridas para criar suas paisagens; é lugar singular, para os autores, a areia dói nos olhos de tão branca, mas possui areia de variadíssimas cores e matizes, conforme se escava as pedras.

No que tange ao Rio Vermelho, a referência que consta sobre a escolha desse nome é apenas uma citação no *blog* da cidade de Goiás que registra essa motivação em razão da cor avermelhada das águas barrentas no período da cheia, em decorrência de chuvas.

Gomide (2009), destaca que o *Rio Vermelho* é uma referência cultural para a cidade de Goiás. A história da cidade calca-se na história da mineração praticada no Rio Vermelho. Da mineração, surge o Arraial, caracterizando também um “mito de origem” [...] Presente nas narrativas orais e escritas, principalmente na poética de Cora Coralina (cf. item 1). As águas do rio têm sido, ao longo dos tempos, motivo de discussão, preocupação e admiração. [...] o Rio Vermelho aparece não mais somente como referência geográfica, mas como símbolo de experiências cotidianas vividas em Goiás: no lazer, no trabalho, na disposição física da cidade (cortada ao meio) e nas enchentes;

ECO-REBEL

Já a cidade de Rubiataba, apresenta na sua história⁷ que o município recebeu esse nome devido a um cafezal nativo que existia naquela região, assim, o nome Rubiataba teve origem em outras duas palavras: rubiácea ‘café’ e taba (tupi) ‘aldeia’, ou seja, em relação à cor devido à qual esse município recebeu o nome devido a um cafezal nativo que existia naquela região. Pode-se fazer alusão também à cor vermelha da pedra rubi, um tipo de pedra preciosa de cor avermelhada que é muito cobiçada no uso de joias e adereços.

Cunha (1998, 817) indica a origem latina da palavra vermelho: adj. da cor do sangue XIII. Do lat. *vermiculus* || avermelhado 1500 || avermelhar XVIII. Vermelho é intenso, é exagero, é a cor mais carregada na psicologia das cores. Segundo chiefofdesign.com.br⁸, “o vermelho carrega dois opostos, do bem e do mal, como o amor e a guerra”. Segundo Farina, Perez e Bastos (2011), essa cor tem o seguinte significado:

Vermelho nos vem do Latim Vermiculus [verme, inseto (a cochinilha)]. Desta se extrai uma substância escarlata, o carmim, e chamamos a cor de carmesim [do árabe: qirmezi (vermelho bem vivo ou escarlata)]. Simboliza uma cor de aproximação, de encontro. [...] Vermelho, refere-se à alimentação, assim como a energia e o fluxo (sangue), além de remeter a acolhimento (fraternidade). [...] É uma cor quente e bastante excitante para o olhar, impulsionando a atenção e a adesão aos elementos em destaque. O vermelho ainda remete à festividade, no sentido da comemoração popular. [...] O vermelho é a cor por excelência, a cor arquetípica, a primeira de todas as cores. Em muitos idiomas, a mesma palavra significa vermelho e colorido, em outras há uma sinonímia entre bonito e vermelho. [...] Na cultura cristã, o vermelho de sangue tomado positivamente é o que dá vida, que purifica e santifica, É o vermelho do Salvador, o que ele derramou na cruz pela salvação dos homens. É signo de força, de energia, de redenção. Ao contrário o vermelho pode ter conotações negativas, como símbolos de impurezas, de violência e de pecado. Conecta-se a todos os tabus sobre o sangue herdado da bíblia. É o vermelho da carne impura dos crimes de sangue, dos homens revoltados. É a cor da cólera, da mancha e da morte. Pode ainda ser ligado positivamente como em Pentecostes – cor do fogo do Espírito Santo. É ao mesmo tempo uma luz e um sopro. Brilha, aquece, alumia, como o Sol. É a cor do amor e do erotismo. Como a cor da atração e da sedução, se materializa nos lábios vermelhos. É a cor dos chamados “pecados da carne”, dos tabus das transgressões. Associação material: Rubi, cereja, guerra, lugar, sinal de parada, perigo, vida, sol, fogo, chama, sangue, combate, lábios, mulher, feridas, rochas vermelhas, conquista, masculinidade. Associação afetiva: Dinamismo, força.

Segundo Max Luscher (*apud* FARINA, PEREZ E BASTOS, 2011, p. 91), alguns estudos e experiências psicológicas, têm mostrado que o corpo humano sofre reações físicas quando é

⁷ <https://www.rubiataba.go.gov.br/>

⁸ Site que trabalha com *desing* visual.

ECO-REBEL

exposto a determinada cor. “O vermelho, pode causar uma elevação da pressão arterial e nota-se que o ritmo cardíaco se altera”. O uso das cores pode ser fundamental no tratamento e na recuperação de paciente com distúrbios psicológicos ou doenças crônicas. No entanto, fica evidente dizer que as cores estão presentes não só na materialidade da vida humana, elas também exercem um papel psicológico e imaterial no desenvolvimento do homem e nas suas relações com meio em que vive.

Em relação à estrutura morfolexical, é possível dizer que os topônimos *Rio Vermelho* e *Serra Dourada* são descritivos já que apresentam recortes ambientais que formam a composição toponímica e associam um termo genérico, a “constante toponímica” (DICK, 2001, p. 87) a um dado particular do objeto da nomeação, termo específico/determinante. Originalmente, não haveria um composto Rio Vermelho ou Serra Dourada (em L), mas um topônimo simples: “rio” – constante toponímica e “vermelho” – índice cromático, o topônimo propriamente dito; o mesmo se dá com “serra” – constante toponímica – e “dourada” – índice cromático, o determinante. Isso porque, segundo Dick (2001, p. 87), “os termos componentes conservam ainda, na língua falada (em L), sua integridade e autonomia significante”. Pela índole gramatical do termo modificador (adjetivo) ligado sempre a uma base nominal (substantivos), a necessidade linguística de precisar adequadamente os elementos segmentáveis do conjunto onomástico, pois este não isola cada uma das partes que acabam por compor um único bloco (significativo referencial), um bloco indissociável.

O topônimo *Ouro Verde* também apresenta indissociabilidade, os componentes toponímicos são reconhecidos como um todo significativo. *Rubiataba*, por sua vez, apresenta o elemento “rubia” de rubiácea mais a base tupi “taba”, formam um composto por aglutinação dos elementos formadores, isso, em si, já acarreta indissociabilidade dos elementos formadores. Apesar de “rubia” fazer referência à cor, é provável que não possa ser analisada como um índice cromático, já que P, geralmente não a entende como uma cor, mas apenas como nome de uma planta.

Considerações Finais

Para realização deste estudo, considerou-se alguns conceitos da ecolinguística tais como a tríade que compõe o ecossistema integral da língua: conceito de língua (L): a maneira ou as formas como os membros de povo (P) se interagem no território (T) lugar onde convivem. O interesse

ECO-REBEL

recaiu em T, mais especificamente nos nomes aspectos de T, já que um território só passa a ser visto como tal depois de nomeado. A ação de nomear é como um ato de fundação linguística, cultural e mental. O lugar passar a existir tendo como referência o nome.

O recorte feito foi para os cromotopônimos, nomes de lugares com nomes de cor de Goiás: *Ouro Verde de Goiás*, *Rubiataba*, *Rio Vermelho* e *Serra Dourada*. Pode parecer um número reduzido, mas o fato é que há poucos cromotopônimos em Goiás. A cor não representa uma motivação muito recorrente no conjunto toponímico goiano. Na verdade, consideradas as devidas proporções, os topônimos mais comuns são os de origem indígena, um total de 76 municípios e outros tantos que compõem a microtoponímia goiana.

A atenção destinada especificamente, à cor neste estudo, se deveu em parte, porque os topônimos *Rio Vermelho* e *Serra Dourada* (mais conhecidos e também simbólicos) se constituem quase como personagens da história goiana, são referências constantes face ao aspecto histórico que evocam como referências maiores a Goiás. Tanto assim, que os nomes “Rio Vermelho e Serra Dourada”, além de habitar o imaginário do povo goiano, estão sempre no rol de sugestões para nomear outros lugares goianos: (Teatro Rio Vermelho e Estádio Serra Dourada).

Para Elman; Benetti (s/d), a cor tem força e poder se associada a relações diversa tais como o que ocorre no nome Rubiataba, que o vermelho (rubia) não é inferido diretamente do vermelho do fruto de uma rubiácea. Há dúvidas se, sincronicamente, pode-se dizer que tem função indicial cromática, já que “rubia -ácia” nem sempre é automaticamente, associado à cor vermelha. Se sim, seria uma metonímia, a cor do fruto pela planta. Nesse sentido, os símbolos que vão se estabelecendo e refletindo a relação entre língua e ambiente, seja físico ou cultural. Em diferentes campos de atividade humana, as cores carregam significados ancorados na capacidade de percepção humana para reconhecer sensações, relações, vínculos e outros aspectos que estão na base da capacidade humana de simbolizar.

O verde, por exemplo, quase sempre caracterizado como a cor que simboliza a vida e a ecologia, é associado à fertilidade da terra e também à preservação do ambiente; ele foi tomada como elemento para compor o topônimo *Ouro Verde de Goiás*, anteriormente pelas matas verdes, hoje por ter uma vocação agrícola, o verde das lavouras valorizadas economicamente; mas, quando se recorta o verde acrescenta-se um valor “verde”, sustentável, de riqueza.

Referências

- BASÍLIO, M. *Formação e classe de palavras no português do Brasil*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- BIDERMAN, M. T. C.; NASCIMENTO, M. F. B. do; PEREIRA, L. A. S.; Uso das cores no português brasileiro e no português europeu. In: *As ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, volume III. São Paulo: *Humanitas*, 2007. p. 105-124.
- CORALINA, C. *Villa Boa de Goyaz*. 2.ed. São Paulo: Global, 2003.
- COUTO, H. H. do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- COUTO, Hildo Honório do. Linguística Ecológica. In: COUTO, H. H. do; et.al. (orgs.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia-GO: Editora UFG, 2016, p. 209-262.
- COUTO, H. H. do. A língua não é uma coisa, é motraive. *ECO-REBEL* v. 8, n. 1, p. 91-106, 2022.
- CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- DICK, M. V. de P. do A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado de São Paulo, 1990.
- _____. O sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2.ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 79-90.
- ELMAN, D.; BENETTI, M. A cor como representação: o imaginário verde amarelo. Disponível em [Dialnet-ACorComoRepresentacao-6277625-2.pdf](#) Acesso em 21 de setembro de 2022.
- FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. *Psicodinâmica das cores em comunicação*. Revisores: Heliodoro Teixeira Bastos; Clotilde Perez. Ed. Edgard Blucher Ltda. 6. ed. São Paulo, 2011.
- NUNES, A. C. X. Informação através da cor: a construção simbólica psicodinâmica das cores na concepção do produto. *Revista UDESC-ModaPalavra*. V. 6, n. 9, p. 63-72, jan./jul. 2012.
- POCKLINGTON, R. *Introducción a la Toponomástica*, s/d. Disponível em: http://www.academia.edu/21713377/introducci%C3%93n_a_la_toponom%C3%81stica_-_1._aspectos_universales_de_la_toponimia. Capturado em 5 de jul. de 2022.
- SILVA, M. M. G. O ecossistema mental da língua e a psicolinguística. *Eco-Rebel*, Brasília, v.

ECO-REBEL

07, n. 02, p. 17-30, 2021.

SIQUEIRA, K. M. F. Toponímia Kalunga: aspectos da inter-relação língua, povo e território. *Via Litterae*, Anápolis, v. 7, n. 1, p.61-75, jan. -jun.2015. SIQUEIRA, K. M. F. de. Espaços, lugares, territórios: multiplicidades face ao mapa mental e à designação toponímica. *Mediação*, Pires do Rio, v. 16, n. 02, p. 67-84, jul. -dez, 2021.

SIQUEIRA, K. M. de F; COSTA NETO, E. M.; ARAÚJO, G. P. de; Toponímia dos municípios de Alagoas sob a perspectiva da ecolinguística. *ECO-REBEL* v. 7, n. 3, p. 55-80, 2021.

Aceito em 16 de maio de 2023.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 9, N. 2, 2023.